

APRESENTAÇÃO

Este número viaja no tempo e no espaço: de 1945 à década de 90, do campo para a cidade, da Europa à América Latina. E o melhor, parece, é dar as mãos a seus autores e experimentar, com eles, suas descobertas, suas surpresas e conquistas.

Começando pelos dias de hoje - e já pensando nos de amanhã - o artigo de Elimar Pinheiro do Nascimento discute as origens da atual transição, a natureza da presente crise e, a partir dessa análise, projeta os possíveis cenários de seu desdobramento, nos fazendo pensar no fechamento deste século.

Algumas das preocupações do artigo de Nascimento representam uma linha de continuidade das características detectadas por Glau^ucia Vilas Boas nas Ciências Sociais no Brasil, tais como a construção nacional, a natureza do Estado brasileiro e sua modernização, no período de 1945 a 1964.

O Estado encontra-se também, com certa centralidade, nos artigos de Vilma de Mendonça Figueiredo e Lygia Sigaud. Neste caso é a sua intervenção no processo de produção de energia elétrica, através da construção de grandes barragens, que interessa. Mais precisamente, a autora nos conduz à análise dos efeitos sociais, considerados "perversos", desta intervenção: desrespeitos aos direitos da cidadania e menosprezante dos impactos ambientais. Um alerta em torno de um tema ainda pouco estudado nas Ciências Sociais no Brasil. Já o artigo de Figueiredo relaciona o Estado com a questão agrária, distinguindo os casos da Europa e da América Latina. Entre nós a questão agrária, à diferença da Europa, tem sido crucial na definição dos regimes políticos, defende a autora.

Uma tese que merece, sem dúvida, ser percorrida, palmilhada e debatida.

Na realidade o artigo de Figueiredo aponta para uma outra centralidade deste número da revista, que Michelângelo G.S. Trigueiro trabalha em seu artigo: a problemática rural. Só que Trigueiro nos convida a viajar em busca de uma metodologia que articule, eficientemente, pesquisa e extensão rural no desenvolvimento agropecuário: o "eterno" nó górdio da ineficiência e ineficácia do Estado junto aos pequenos produtores rurais.

Casimir confirma a nossa segunda centralidade analisando, nos Caribes, a configuração desse personagem próprio a uma determinada reprodução na agricultura, os "novos livres". Reflexão que não é estranha a nós, presente na literatura do campo temático em suas maiores expressões, desde Caio Prado Júnior até Nazaré Wanderley, Moacir Palmeira e Graziano da Silva.

O artigo de Martine Droulers nos faz retornar ao Estado (e sair do rural), agora focado como instrumento através do qual, ou pelo menos com o qual, se renova a prática política clientelística. Comportamento político não mais focalizado como sinal de "atraso", mas antes como desdobrando-se em funções marcantes de uma nova modernidade. O clientelismo, que por um lapso de tempo idealístico, julgávamos enterrado com o populismo e outros padrões "antigos" e latinoamericanos, nos acompanha em direção ao próximo século, sob novas formas. E não apenas no Brasil, como demonstra a autora, mas também na Europa.

Com tantas viagens, de um continente a outro, de um século a outro, julgamos que uma última viagem merecia encerrar este roteiro, uma aventura num espaço aparentemente mais conhecido a nós, sociólogos: entre Durkheim e Freud, na busca da apreensão das dificuldades das Ciências Sociais em lidar com a subjetividade humana, é o roteiro "ameno" proposto por José Mendes de Oliveira.